

## Apresentação

Dominique Noguez começa seu livro *Si la danse est une pensée* (2012) dizendo que pouco importa se o primeiro bailarino foi um caçador feliz, um guerreiro vencedor ou um amante febril, porque o primeiro bailarino foi quem pisoteou o chão, de alegria ou de exaltação, e comunicou aos outros a necessidade desse “pisotear”. A Revista *DANÇA* nasce desse mesmo tipo de necessidade, atada ao fazer-comunicar que distingue uma contingência natural. Afinal, ela surge de uma iniciativa do primeiro Programa de Pós-graduação em Dança do Brasil, implantado 50 anos depois (2006) e na mesma Universidade que lançou, em 1956, o primeiro bacharelado em Dança do país, a Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A existência de um programa de pós-graduação específico (*stricto sensu*) para a dança sinaliza um fato da maior importância, uma vez que é na instância da pós-graduação que a pesquisa acadêmica se expande. E quando isso ocorre, se faz indispensável um espaço específico de visibilidade para os que estão envolvidos na consolidação e desenvolvimento daquilo que a pesquisa produz: o conhecimento. *DANÇA* chega para cumprir esse papel.

A estrutura do primeiro número da Revista fala por si mesma do propósito que a guia. É composta por sete artigos científicos, um fórum temático, uma tradução e uma resenha. Os artigos são o termômetro da produção acadêmica da área, o fórum atende à necessidade de convocar discussões sobre temas que mobilizam os pesquisadores, a tradução tem por objetivo conectar-nos com pares que vêm contribuindo de forma destacada no cenário internacional com a construção do pensamento sobre dança, e a resenha tem uma característica especial: a de nos permitir acompanhar a nossa produção bibliográfica ou artística.

Os sete artigos abordam os seguintes temas:

- Christine Greiner, em “Por uma economia das generosidades”, propõe a possibilidade de se pensar em uma ecologia dos saberes de uma dança marcada pela ausência de teorias gerais, e em uma economia das generosidades, que desafiaria o paradigma dominante da imunização que marca a cultura narcísica gerencial;
- “Dança: escrita metafórica do corpo como linguagem que traz a memória traçada”, de Lenira Peral Rengel e Patrícia Cruz Ferreira, parte da afirmação de que o próprio corpo age pelo que é denominado de procedimento metafórico (RENGEL, 2007) e avança no estado da arte desta

questão passando a incluir nela qualquer figura de linguagem, e não apenas as metáforas, destacando, dentre elas, a memória;

- Marcos Bragato, em “Descrição darwiniana elucidada: mecanismos psicológicos e comportamento artístico”, sustenta que os mecanismos psicológicos subjacentes a traços da personalidade artística, quando lidos em uma abordagem evolutiva darwiniana, podem acomodar os universais com as diferenças individuais de personalidade;
- “O movimento como dispositivo de poder”, de Edna Christine Silva associa Laban e Foucault para tratar da situação de crianças e adolescentes nas escolas;
- Nara Salles e Felipe Henrique Monteiro Oliveira, em “A dança contemporânea no corpo diferenciado e a poética de Antonin Artaud”, pontuam historicamente como o corpo diferenciado tem sido visto nas artes cênicas, articulando a sua situação nos processos de criação com o teatro artaudiano;
- “Corpo Imaginado: sobre vivências e conceitos percebidos no processo de criação”, de Danilo Silveira e Zelo Martins dos Santos, apoia-se nos escritos de Ant3nio Dam3sio sobre imagens corp3reas para apresentar o processo de cria33o da obra *Corpo imaginado* (2011) e as percep33es nele presentes;
- A partir do entendimento de que a experi3ncia do corpo no cotidiano da cidade se relaciona com a experi3ncia corporal criativa, Joana de Oliveria Dias, em “‘T3ticas’ nas margens do rio e nos interst3cios da vida: corpografias urbanas em Sena Madureira-AC”, trata corpografias e paisagens sonoras urbanas nas imedia33es do Rio Iaco, na cidade de Sena Madureira-Acre como pr3ticas culturais que expressam a dial3tica entre corpo e cidade;

O f3rum, iniciado com o texto “Pesquisa em Dan3a: entre a circularidade viciada e o mapa de navega33o”, de Helena Katz, prop3e que o presente contexto da regula33o que as Leis de Incentivo 3 Cultura promovem sobre a produ33o art3stica deve ser levado em conta para o entendimento da atual situa33o da dan3a na Universidade brasileira e da rela33o entre a pesquisa acad3mica e a pesquisa art3stica.

A tradução do texto de Frédéric Pouillaude, “La danse et la absence d’œuvre/A dança e a ausência da obra” – inédito, tanto em francês, sua língua original, como em português –, nos permite acompanhar uma discussão filosófica sobre o modo como a dança foi tratada por filósofos como Nietzsche, Paul Valéry, Erwin Straus e Alain Badiou. A sua leitura nos permite avançar nos modos de lidar com as implicações daquela insistente pergunta, “o que é dança?”.

Carmen Paternostro, na resenha “Lago Vermelho: retrato de uma sociedade agonizante”, sobre o espetáculo *Swan Lake* que Idan Cohen apresentou em 18 e 19 de abril de 2012, no Festival Internacional VIVA-DANÇA-2012, em Salvador, inclui as ideias que o coreógrafo e dançarino israelense revelou no seu contato com alunos do módulo Estudos Críticos e Analíticos, do terceiro semestre da Escola de Dança da UFBA.

DANÇA almeja ser “a irrupção do repetível, no vivo da vida”<sup>1</sup> (NOGUEZ, 2012, p. 11), isto é, iniciar, com este seu primeiro número, uma cadeia de continuidade, em sintonia com o que se transforma, com o “vivo da vida”. Uma tarefa que se realiza somente no coletivo, buscando “fazer do pensamento um laboratório do comum”, como disse Judith Revel<sup>2</sup> na introdução do livro *Antonio Negri: Inventer le commun des hommes* (2010). Foi lá que também sublinhou que, para ser um laboratório crítico, uma revista necessita ser flexível e eficaz na formulação de suas razoabilidades, nos seus ensaios de novos conceitos, nas hipóteses novas que serão nela arriscadas. DANÇA começa como uma cartografia do presente, mirando ser uma cartografia dos possíveis, pois, como nos ensinou Aristóteles na sua *Metafísica*, o que é real, é, em todo caso, possível.

1 NOGUEZ, Dominique. *Si la danse est une pensée*. Paris: Éditions du Sandre, 2012.

2 REVEL, Judith. Faire de la pensée un laboratoire du commun. In: NEGRI, Antonio. *Inventer le commun des hommes*. Montrouge: Bayard Éditions, 2010. p.7-16.

Helena Katz e Lúcia Matos  
Editoras desta edição